



**Organização
Pan-Americana
da Saúde**



ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS

**Organização
Mundial da Saúde**
Américas

58º CONSELHO DIRETOR

72ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS

Sessão virtual, 28 e 29 de setembro de 2020

CD58/DIV/2

Original: espanhol

**DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE CESSANTE DO
CONSELHO DIRETOR DA OPAS
EXMO. DR. DANIEL SALAS, MINISTRO DE SAÚDE DE COSTA RICA**

**DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE CESSANTE DO
CONSELHO DIRETOR DA OPAS
EXMO. DR. DANIEL SALAS, MINISTRO DE SAÚDE DE COSTA RICA**

**28 de setembro de 2020
Sessão virtual**

**58º Conselho Diretor da OPAS
72ª sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Excelentíssima Senhora Mia Mottley, Primeira-Ministra de Barbados,
Excelentíssimo Senhor Iván Duque Márquez, Presidente da Colômbia,
Excelentíssima Doutora Carissa Etienne, Diretora da Repartição Sanitária Pan-Americana,
Excelentíssimo Senhor Alex Azar Segundo, Secretário do Departamento de Saúde e
Serviços Humanos dos Estados Unidos da América,
Excelentíssimo Senhor Luis Almagro Lemes, Secretário-Geral da Organização dos Estados
Americanos,
Excelentíssimo Senhor Luis Alberto Moreno, Presidente do Banco Interamericano de
Desenvolvimento,
Excelentíssimo Doutor Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor Geral da Organização
Mundial da Saúde,
Prezados Ministros da Saúde da Região das Américas,
Caros colegas e membros da delegação, amigos e amigas,

É um prazer saudá-los hoje como Presidente cessante do quinquagésimo sétimo Conselho Diretor da Organização Pan-Americana da Saúde, o primeiro da história a ser realizado virtualmente graças às tecnologias de informação e comunicação, que nos aproximam mais do que nunca neste contexto perturbador de distanciamento social, que desafiou todos os sistemas que nos fazem funcionar como sociedade.

Como resultado de um fenômeno tão extremo como a pandemia da COVID-19, o valor da saúde pública poucas vezes foi colocado em tanta evidência aos olhos do mundo e com tamanha centralidade. Tomar decisões para proteger diretamente a saúde e a vida também se tornou uma tarefa que exige o melhor equilíbrio possível com os demais setores da sociedade para não afetar a saúde de forma integral, em seu conceito mais amplo, segundo seus determinantes, que vão muito além da simples ausência de doença. E aí está o nó mais complexo, que exigiu, em um fenômeno tão prolongado, a mais aguçada capacidade de análise conjunta, concertação e negociação constantes. Acho que todos podemos concordar que, em meio a essa pandemia, nenhuma decisão foi fácil.

O comportamento humano—do qual dependemos para avançar na redução do contágio, evitar a saturação dos serviços de saúde e garantir a reativação de muitas das

atividades humanas que foram colocadas em suspenso devido a riscos epidemiológicos— é um fenômeno extremamente complexo cujos fatores podem ser estratificados de acordo com diferentes grupos sociais, etários, étnicos, entre outros, e o desgaste mental em meio ao prolongamento deste fenômeno sanitário tem significado momentos de maior tensão. A comunicação social, apoiada por outras disciplinas das ciências sociais para melhor compreender essas respostas da população, é extremamente necessária.

Temos diante de nós a enorme responsabilidade de liderar os sistemas nacionais de saúde que foram gravemente afetados pelo impacto da pandemia da COVID-19, independentemente do quanto esses sistemas estivessem preparados antes da doença surgir. Infelizmente, nossas obrigações internas nos levaram, figurativamente falando, a competir entre nós na corrida pela aquisição de equipamentos de proteção individual, materiais de laboratório, tecnologias de diagnóstico e tantos outros insumos para o combate a esta doença, a tal ponto que, às vezes, sentimos que estamos *sozinhos* como países nesta luta.

No entanto, é nos momentos em que mais nos sentimos sós que mais devemos recorrer à união e aos princípios característicos da região das Américas, onde frequentemente testemunhamos como a solidariedade e o pan-americanismo permeiam todas as esferas em busca do bem comum. Com isso em mente, a Costa Rica propôs à Organização Mundial da Saúde promover a criação de um repositório que nos permita compartilhar com todos, mundialmente, as tecnologias em saúde que desenvolvemos para a atenção à doença causada pelo SARS-CoV-2. Não tenho dúvidas de que nossos sistemas de saúde têm capacidade para sair desse estado de transe, mas para isso precisamos ter acesso a ferramentas que nos permitam seguir lutando. Por isso, convido-os mais uma vez a fazer parte dos esforços sem precedentes não apenas para desenvolver as tecnologias em saúde de que precisamos, mas também peço que compartilhem esse conhecimento por meio deste repositório solidário. Um acontecimento epidemiológico como este, em um mundo unido como nunca mediante a globalização, nos lembra que somos tão vulneráveis quanto o mais vulnerável dos nossos irmãos, e que só é possível avançarmos com solidariedade e união.

As imagens de todo o mundo têm sido angustiantes, comoventes, trazendo à tona os mais profundos sentimentos de empatia e compaixão em nós. Meus mais sinceros pêsames a todos aqueles que perderam parentes, amigos, colegas de trabalho. Cada vida que perdemos nesta batalha levaremos sempre em nossos corações, e é por cada uma dessas perdas que precisamos superar esta conjuntura.

Fazemos parte de uma rede de sistemas que se sobrepõem: o sistema de saúde, o sistema econômico, o sistema político, o sistema internacional, todos se reúnem no mesmo espaço, que às vezes se torna pequeno demais para acomodar tantos atores, tantas forças e tantos interesses. No entanto, como a Constituição da OMS nos indica, a

saúde de todos os povos é condição fundamental para alcançarmos a paz e a segurança e, para isso, dependemos da mais ampla cooperação entre todos e de cada um de nós.

Não quero usar este espaço para relatar quando identificamos o primeiro caso na Costa Rica, nem quais foram as medidas que implementamos no território nacional, nem quais são nossos números até o momento. Deixo essa conta para os relatórios institucionais, os informes do governo e os livros de história. Tenho certeza de que cada um de nós tomou as melhores decisões possíveis com base nas informações e recursos disponíveis naquele momento, e que todos gostaríamos de ter tido há 10 ou 5 meses as informações que temos hoje.

Como em tantas outras doenças infecciosas, uma das ferramentas que nos trouxe grande esperança de retornar a uma sociedade o mais próxima possível de como ela era antes da pandemia é a vacinação—visando, por meio desta, obtermos imunidade de rebanho ou, pelo menos no início das campanhas, imunidade entre os grupos mais vulneráveis. Este tema ainda levanta as mais diversas questões, tanto do ponto de vista imunológico, quanto de disponibilidade e logística, entre outros aspectos. Em um mundo onde todos estamos tão próximos, não podemos nos deixar levar pelo desejo de adquirir *todas* as vacinas disponíveis se isso impede que outros tenham acesso a uma ferramenta que irá reduzir a sobrecarga dos sistemas de saúde, permitir a reabertura gradual de nossas economias e devolver a esperança aos nossos países.

O cotidiano agora é muito diferente, e o retorno a uma dinâmica parecida com a que vivíamos há apenas um ano dependerá da nossa capacidade de agir pautados pelo bem comum.

Meses críticos ainda nos aguardam pela frente. Devemos encontrar na união, nacional e global, uma força que nos permita conciliar e sustentar esses equilíbrios tão difíceis de alcançar para que os impactos gerais não conduzam a cenários extremamente desfavoráveis para a saúde integral de nossos povos. Em 2020, ano em que, aos poucos, fomos conhecendo o SARS-CoV-2, nosso inimigo comum, ainda existem dúvidas sobre seu comportamento e evolução que serão decisivas para o embate a seguir. Mas o que sabemos de antemão é que nossos povos, ao demonstrarem resiliência, empatia e união, são capazes de vencer esta dura batalha pela saúde.

Meus melhores votos para cada um de vocês, suas famílias, seus governos, seus países e cada um dos seus concidadãos.

Bom dia.
